

TRANSCRIÇÃO ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS DEMOLITION INCORPORADA

01:00:16:05 – ABERTURA

01:00:34:13 – VIDEOGRAFISMO

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS – DEMOLITION INCORPORADA

01:00:37:05 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:01:08:01 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu, quando tinha três anos, fui levado para um médico, o doutor Delamare, que era um médico muito famoso no Rio, porque eu gostava de brincar de boneca. O médico perguntou pro meu pai e pra minha mãe se eu tinha boneca em casa. Eles disseram que sim porque eu tenho uma irmã mais nova que vem logo depois de mim. Ele falou "volta pra casa, dá todas as bonecas pra ele e deixa ele brincar de boneca". Eu voltei pra casa, eu não lembro disso, mas eles me deram as bonecas, eu brinquei até as sete da noite, tava exausto pelo dia. Eu acho que eles consideraram que eu tava curado, e aí eu nunca mais pude brincar de boneca.

01:01:44:05 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:02:01:18 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu já tinha mais de 40 anos quando eu fiz o Mono, pra mim foi uma possibilidade de voltar a brincar de boneca, e que pra mim é uma situação, assim, muito próxima com o que eu faço como coreógrafo. Muitas questões vieram a mim. Foi basicamente estar ali com aquelas bonecas e deixar um fluxo de memória vir.

01:02:23:07 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:02:38:17 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

O Mono é um trabalho de 2008. É uma instalação, normalmente eu fico três horas nesse espaço com essas bonecas. O que eu crio com essas bonecas, com esses corpos, situações que têm a ver com a dança que eu faço ou com a dança que eu quero fazer, situações relacionadas a minha vida emocional, erótica, sexual, afetiva.

01:03:06:02 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:03:18:27 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu morei no Rio, de 64 até 1970, 71, por aí. Passei minha adolescência em Teresina, pensando em fazer teatro, mas em 1980 eu voltei pro Rio pra estudar, pra fazer faculdade.

01:03:35:08 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:03:42:27 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

E aí, eu fui ver no João Caetano, ali na Praça Tiradentes, uma companhia alemã, que tinham me avisado que tinha vindo pro Brasil com um trabalho meio novo e tal, e era a companhia de

Pina Bausch Tanztheater Wuppertal, e aí eu vi três peças da companhia e fiquei muito impressionado com a possibilidade que se abria ali pra mim de um outro tipo de dança, de uma dança que, na verdade, misturasse os elementos do teatro, tivesse uma outra maneira de se dar.

01:04:09:26 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:04:26:17 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

E aí eu senti que era o momento de dar uma saída, de sair e estudar, ver coisas fora. Paris oferecia, assim, uma quantidade enorme de espetáculos a cada semana. Nesse período eu vi que tinha ganho a minha primeira subversão na Holanda pra fazer um solo, que é o solo "Ai, ai, ai".

01:04:46:15 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:04:53:11 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu mudei pra Nova Iorque, comecei a trabalhar de uma outra maneira, investindo mais na pesquisa, mais afastado da ideia de uma companhia. E aí que surgiu Demolition Inc., como chamava no início, em 95, justamente com John Murphy e com dois outros companheiros. Nós quatro criamos um pouco essa ideia de uma plataforma que desse possibilidade de autonomia pra cada um dos artistas.

01:05:26:19 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:05:40:16 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA

E o "Ai, ai, ai" é um solo de um homem vestido de mulher que começa com uma corrida circular, um salto muito alto. E era uma coisa completamente estranha naquele momento no Brasil, uma coisa que já era Queer, quando era super comum ser Queer na Holanda, mas aqui não era. Então, quando as pessoas viram aquele homem de 1 metro e 90, lindo, correndo de salto alto, de peruca e ao mesmo tempo falando do Sertão, ao mesmo tempo falando do Pixinguinha, era um corpo estranho.

01:06:04:17 – IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:06:09:25 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA

O que aconteceu no "Ai, ai, ai" que eu acho que pra dança brasileira foi muito importante foi entender que existia um tipo de dança-teatro possível de ser feito com elementos brasileiros que não era necessariamente nem o que se fazia na Europa e nem era o que se tava fazendo aqui, era um lugar que tinha a ver com o que o lugar que o Marcelo tava. Europeu nas suas influências, mas também muito sertanejo e muito nordestino.

01:06:30:10 – CÁSSIA NAVAS – PROFESSORA E PESQUISADORA

E o quê que é essa obra "Ai, ai, ai"? É como que uma Carmen Miranda pode gritar de dor. Porque ele tem um... Essa mulher, um travestimento. O Marcelo, ele se desdobra, digamos, modernamente, é por opção de retorno à casa materna e paterna, que é a terra dele, que é Teresina, a partir já de uma projeção que ele tem no exterior. O Marcelo é um dos artistas com projeção europeia, digamos assim, e de repetente ele chora, não é um ai, ai, ai, ai, ai, brejeiro, é um ai, ai, ai, ai de dor. Vamos voltar para Teresina.

01:07:12:10 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:07:27:19 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

E a ideia de Demolition Incorporada, eu tava muito fascinado com esse processo de demolição de prédio. Eu acho que tem muito preciso, é uma coreografia com as dinamites, né?

01:07:40:11 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:07:48:21 – MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Quando eu vim pro Brasil, eu comecei a chamar de Demolition Incorporada, trazendo esse aspecto mais do corpo que sempre teve no "inc", mas tentando trazer mais essa ideia do incorporado nosso, do candomblé, da macumba, a incorporação, que é uma coisa muito nossa.

01:08:07:07 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:08:10:27 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu convivi de alguma maneira no final dos anos 80 e nos de 90 em companhias, grandes companhias, estabelecidas dentro dos moldes né? Isso começou a, pra mim, ter um "clash" aí, então eu precisei de mais interferência nesse sentido, de também ter um pouco mais de liberdade também em incluir pessoas, outros tipos de profissionais, por exemplo, em meus processos. Eu comecei no começo dos anos 2000, por exemplo, eu senti que o meu processo coreográfico precisavam de músicos.

01:08:45:28 – MARCELO EVELIN CONVERSANDO COM SÉRGIO MATOS

01:08:56:18 - SÉRGIO MATOS - MÚSICO

No meio daquela base, em cima da base eu fazia.

01:09:00:54 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Na base do boi.

01:09:01:28 - SÉRGIO MATOS - MÚSICO

Na hora que vocês iam pro boi.

01:09:02:29 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Sei, sei, sim.

01:09:06:21 – SÉRGIO MATOS - MÚSICO

A minha relação com o Demolition e com o Marcelo começou em 98. Logo que se conheceu, a gente fez um espetáculo todo improvisado chamado "Fracta Musa". A gente começou o "Sertão" em 2003. O "Bull Dancing" já em 2006 e o "Matadouro", que eu participei do processo, mas não do espetáculo.

01:09:24:22 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:09:32:24 – SÉRGIO MATOS - MÚSICO

Tanto no "Sertão" como no "Bull Dancing" têm peças de Bach, e no "Matadouro" tem Schubert. Teve sempre esse interesse tanto do Marcelo Evelin quanto do Demolition, da equipe, desse rigor erudito no contexto popular.

01:09:48:18 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:10:23:10 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Em 2003, eu comecei uma trilogia inspirada no livro do Euclides da Cunha, "Os Sertões". Tava muito impressionado com esse livro, com a situação toda, por ser nordestino, por viver, por ter nascido aí perto do sertão, essa coisa do Antônio Conselheiro, essa coisa da resistência e dessas pessoas em Canudos também, tava muito impressionado, é um livro muito bonito. E comecei essa trilogia lá na Holanda ainda. Então criei "Sertão", que foi aí que eu comecei a trabalhar com os músicos. Então assim, o "Sertão" foi feito muito a partir desse contato com os três músicos. Nós fizemos uma viagem a Guaribas, e Guaribas... o Lula tinha entrado no governo e tinha elegido Guaribas, uma cidade mínima no sul do estado do Piauí, como a cidade mais pobre do Brasil. E a gente ficou lá alguns dias nessa tentativa de entender não só a musicalidade ou que tipo de musicalidade a gente podia tirar do sertão pra essa peça que chamava sertão.

01:11:23:27 – SÉRGIO MATOS - MÚSICO

A paisagem, a paisagem foi o elemento que acompanhou a gente no processo todo, a gente sempre pescava coisas nessa viagem, assim, um pouco.

01:11:33:04 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Na verdade, eles trouxeram alguma coisa que pra mim foi além de música, foi um tipo de qualidade de presença, um tipo de qualidade de movimento, um tipo de ideia que vem de um outro lugar que não da dança e que era exatamente o que eu tava precisando. Então pra mim não é separado, pra mim, na verdade, o que eles faziam era dançar.

01:11:49:00 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:11:53:23 – SÉRGIO MATOS - MÚSICO

Não é uma trilha encomendada, é uma trilha que você... É orgânica, você faz durante o processo criativo, então ela não é, ela não tem separação da dramaturgia, nem da coreografia, nem de nada.

01:12:04:22 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:12:19:24 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Pra mim é uma colaboração. Então, assim, eu não trabalho de jeito nenhum nesse processo. Eu sei tudo, eu trago, eu digo como fazer e eu espero, sobretudo, que você chegue lá naquele lugar que eu imaginei pra você. Eu não imagino nada. Pra mim, processo de criação é me perder.

01:12:40:15 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:12:55:24 – VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:13:11:02 – VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:13:16:11 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:13:36:25 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

O "Truvo" surgiu aqui no Piauí de um desejo, uma curiosidade com uma coreógrafa e bailarina local, Luzia Amélia, e uma curiosidade de dialogar com essa criatura, com essa intérprete. E acabou se transformando num dueto.

01:13:55:20 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:14:11:11 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

E a gente trabalhou muito com a ideia de dançar, com a ideia da liberdade de dançar, dançar como uma maneira de sobreviver, de estar vivo, dançar como uma maneira de continuar resistindo aqui, nesse lugar que é tão difícil produzir dança, que é tão difícil de viver, seja pelo calor, seja pela pobreza, pela falta de recurso que a gente tem. Então é isso um pouco o "Truvo", que vem dessa brincadeira. Aqui no nordeste, a palavra truvo foi transformada na palavra truvo.

01:14:49:18 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:15:04:18 – LUIZA AMÉLIA – BAILARINA E COREÓGRAFA

É porque eu lembrei que tem uma coisa minha aqui antes.

01:15:11:09 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Então, eu tô falando do "Truvo", que foi uma proposta de residência aqui no campo, uma vontade, um desejo de te encontrar em cena. Onde a gente decidiu...

01:15:28:18 - LUIZA AMÉLIA – BAILARINA E COREÓGRAFA

Dançar junto primeiro.

01:15:29:17 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Dançar junto nessa escuridão, de fazer uma dança que pudesse acontecer menos pra ser vista, apreciada, legitimada, mas mais como...

01:15:41:24 – LUIZA AMÉLIA – BAILARINA E COREÓGRAFA

Divulgada.

01:15:42:22 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Divulgada.

01:15:44:08 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:16:10:01 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Como é pra ti esse espaço de escuridão, de dançar nessa escuridão? O que é que tem ali?

01:16:14:06 – LUIZA AMÉLIA – BAILARINA E COREÓGRAFA

Essa ideia de dançar nesse momento que a gente passa, né? O Brasil e o Piauí sendo um dos estados mais pobres do nordeste, Teresina, uma capital desestabilizada, uma capital que não tem mar, uma capital escura, esquecida e ao mesmo tempo tão vibrante. Eu acho que o "Truvo" foi isso pra gente, foi esse encontro desses lugares, assim, sabe? Tão distintos e que a gente encontra aí aquele lugar de dança onde ninguém entra, sabe? Eu acho que foi nesse

lugar também, de dançar pra sobreviver, dançar pra respirar, dançar pra continuar, dançar pra ver.

01:16:51:08 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:17:02:07 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu passei muito tempo trabalhando na Europa, onde essa consciência de um trabalho político ficava mais amenizada. Eu sinto que eu tava um pouco criando dentro de uma redoma de vidro.

01:17:14:23 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:17:23:09 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu recebi um convite da prefeitura de Teresina pra dirigir um teatro que tinha acabado de ser aberto no maior subúrbio da cidade, o Dirceu, uma periferia, assim, que tem uma autonomia social e política bastante interessante e o teatro foi construído a pedido dos moradores do bairro.

01:17:47:04 – IMAGENS DE TERESINA

01:17:51:09 – SILVIA SOTER – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA

A opção, essa escolha do Marcelo, uma escolha muito corajosa, eu acho, e ao mesmo tempo eu sou muito grata, assim, pensando na dança do Brasil, de ele ter feito essa escolha. Que é, ele não volta só pra Teresina, primeiro, ele vai pro Dirceu, o Dirceu é periferia de Teresina, não é a capital só, é o lugar que ainda tem milhões de outras questões. Quer dizer, se instalar nesse lugar, abrir pra artistas e jovens desse lugar para virem dialogar, pra virem conversar, pra começarem a criar juntos. E também a criar um público pra receber aquele trabalho que, tudo bem, circulou aí, circulou o mundo, mas também tem que circular e tocar Teresina.

01:18:37:06 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

ARTISTA: Eu quero comer língua de boi!

01:18:49:25 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Em 2006, eu tinha recentemente aceito esse trabalho de dirigir o teatro do Dirceu, aqui em Teresina.

01:18:58:25 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:19:06:14 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Criei esse espetáculo nesse lugar entre a Holanda e o Brasil, com bailarinos dos dois lugares.

01:19:15:12 – REGINA VELOSO - PRODUTORA

Ele recebeu convite pra vir trabalhar aqui no Brasil novamente, pra assumir a direção do Teatro João Paulo II. Acabamos fechando de fazer um primeiro trabalho juntos. Ele tinha acabado de ganhar o prêmio Klaus Vianna pra fazer a montagem do "Bull Dancing", que era a segunda parte de uma trilogia. E aí a gente resolveu fazer essa experiência desse trabalho pra ver o quê que vinha depois e tá vindo até hoje. Mais de 10 anos, isso foi em 2006.

01:19:40:10 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:19:49:27 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

E aí era uma peça muito mais percussiva.

01:19:52:18 – SÉRGIO MATOS - MÚSICO

Era uma trilha bem mais pesada assim, e tinha elementos indígenas.

01:19:56:26 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Que são coisas que são usadas no "Boi", né? A própria roupa de cazumbá tem chocalhos. Então a gente foi pegando um pouco do que já tinha na manifestação pra fazer o "Bull Dancing".

01:20:10:10 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:20:18:01 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA

A trilogia, que é o "Sertão", o "Bull Dancing" e o "Matadouro", aí sim o Marcelo começa a ter um lugar muito específico na dança brasileira, porque a ideia de misturar uma referência tão clássica, como os sertões, com uma experimentação de dança contemporânea radical, já pouquíssimo teatralizado e muito mais, realmente de formação de linguagens corporais novas, de hibridismos e tal. Isso, imediatamente as pessoas perceberam que ali tinha uma coisa nova.

01:20:51:02 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:21:20:21 – ALEXANDRE SANTOS – B-BOY

O Marcelo tinha esse convite de fazer esse trampo lá num museu no Rio e aí fez esse convite pra nós fazer esse trampo. A gente tinha a ideia de trabalhar a micro dança, o micro movimento. A partir disso, levar isso para os tonéis e a gente ficava submersos nesses tonéis por um tempo, fazendo essa ideia dessa micro dança, assim, desse corpo vibrando dentro desses tonéis, como se fosse algo capturado, como se fosse algo que tivesse vivo ali ou lutando pra sobreviver.

01:21:52:24 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:22:07:11 – ALEXANDRE SANTOS – B-BOY

É o mito do cabeça de cuia. Conta a história que ele ao chegar em casa não tinha nada o que comer e só tinha uns ossos lá pra comer, algo tipo assim, e ele pegou um osso e agrediu a mãe dele e nisso ele foi amaldiçoado a viver o resto da vida na beira do rio. E tem muita gente que ainda acredita.

01:22:27:08 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:22:39:23 – ALEXANDRE SANTOS – B-BOY

Eu conheci Marcelo no teatro em 2006, ele tinha acabado de chegar pra fazer a direção artística do teatro escola e eu participava de um grupo de dança de hip hop, então ele convidou a gente pra ser um grupo residente do teatro junto com outros grupos e nisso eu fui tendo interesse de conhecer, de saber que trabalho era aquele, que dança era aquela estranha, assim, pra mim. Até quando eu fiz uma audição pra mim poder entrar no núcleo e fui podendo conhecer o Marcelo melhor. Super interessante trabalhar com ele, porque sempre vem com questionamento, assim, pra Teresina, pro Brasil, pro mundo, assim, então não é só

um coreógrafo que produz movimento, tem umas ideias legais. Ele realmente tem um questão ali que me interessou desde quando eu comecei a trabalhar em movimentos assim.

01:23:32:00 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:23:41:21 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Com essa vinda pra cá, eu criei o núcleo do Dirceu, que à princípio era um projeto de formação e que virou coletivo. Eu caí matando, assim, eu voltei pro Brasil com essa sede, assim, de mão na massa. Fiquei muito mexido, muito tocado, assim, pela dinâmica que eu encontrei ali, uma dinâmica que, ao mesmo tempo, me mostrava assim, um certo descaso com um subúrbio, uma cidade fora do eixo. Existe, assim, esse certo esquecimento, existe exatamente essa linha abissal que divide os brancos dos pretos, os pobres dos ricos, dos que falam com sotaque do sul e os que falam com sotaque nordestino, que é o sotaque feio. Todas essas linhas, elas são invisíveis, mas elas são bem presentes.

01:24:32:27 - REGINA VELOSO - PRODUTORA

Existe muito um estigma, não sei se em todos os lugares, acredito que sim, mas especialmente aqui, que a arte contemporânea é pra elite. É pra ricos. E esse foi um trabalho desde o princípio feito em periferias, sem visão assistencialista, nem de caridade, não, aqui ninguém tá ajudando ninguém. E a gente nunca subestimou. Muita gente perguntou "Mas no Dirceu? Por que que vocês estão lá? As pessoas não vão entender nada do que vocês fazem", e a gente "Como assim não vão entender? Que tipo de entendimento vocês estão esperando que as pessoas tenham?". Quando lá a relação sempre foi muito mais dialógica, porque a gente sempre teve essa firmeza de querer estar nesse lugar, de entender que lá é mais forte até.

01:25:10:02 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:25:14:05 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Por quê?

01:25:15:02 – ALEXANDRE SANTOS – B-BOY

Não, pela força mesmo na água.

01:25:17:16 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Mas eu acho que até deu uma coisa pra acabar, deu uma coisa mais assim. E aqui é o Parnaíba, né?

01:25:22:00 – ALEXANDRE SANTOS – B-BOY

É.

01:25:22:20 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Aí assim, é o lugar mesmo do bicho. Foi massa. Super.

01:25:27:29 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:25:35:16 – VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:25:50:17 – VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:25:56:05 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:26:03:22 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Em 2010 então, eu tinha que acabar a trilogia fazendo o "Matadouro", que era a luta do Euclides. Se você me perguntar que luta era essa. Foi um momento muito específico pra gente aqui, porque a gente tinha acabado de passar, eu passei três anos nesse teatro da prefeitura de Teresina e nós fomos um pouco tirados do teatro de uma maneira um pouco brusca e a gente teve aí um problema e eu fui um pouco... Deixei o teatro mas porque não sentia que ali tinha mais condição de trabalhar, de fazer o trabalho que eu vinha fazendo.

01:26:38:09 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:26:48:29 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

O "Matadouro" surgiu, assim, nesse momento de muita necessidade de tudo e sem nenhum dinheiro, sem nenhuma ajuda eu comecei a reconhecer ali a verdadeira luta. E o "Matadouro" é um pouco isso, ele se chama matadouro porque é exatamente essas oito pessoas sendo levadas, assim, pro corte, pro lugar de abate.

01:27:14:15 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:27:20:24 - REGINA VELOSO - PRODUTORA

Falar do trabalho da Demolition e de falar do trabalho do núcleo do Dirceu é o tempo inteiro falar de um trabalho político. Ele nunca é um trabalho descomprometido que tá interessado só em ser um ornamento ou só agradar algum público, muito pelo contrário, não existe nenhum problema se alguém do público sai incomodado porque às vezes o que a gente precisa no mundo é até algum tipo de incomodo pra ver se a gente sai do lugar e muda a realidade.

01:27:44:13 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:27:56:25 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Então foi um momento importante pra mim, assim, de resistência, de realmente entender uma precariedade que eu sinto que hoje eu trouxe no meu trabalho e uso ela como um fator importante.

01:28:08:14 - ALLEXANDRE SANTOS – B-BOY

O "Matadouro", depois dessa peça meu conceito como artista e como dançarino mudou bastante. O Marcelo moveu, mexeu, bagunçou, cutucou muitas coisas políticas em Teresina, que eu sempre defendi, sempre achei super massa isso. É o meu entendimento de militante, meu entendimento de movimento, mesmo, da quebrada e eu achei super massa no âmbito artístico, porque ele veio pra questionar que a arte é essa que Teresina tem e como essa arte, eu acho que ele veio mesmo pra dar mesmo uma sacudida. Foi super massa, porque hoje eu posso ver vários pequenos coletivos, várias pessoas se organizando, várias pessoas tendo mais a disponibilidade pra poder escutar, pra poder ler, pra poder fazer um encontro, algo assim artístico, sabe? Deu uma "contemporizada" no lugar.

01:28:57:05 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:29:15:18 - NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA

Tem uma importância de pensar que as artes cênicas brasileiras, até a existência do núcleo do Dirceu, não existia o Piauí como uma potência da dança brasileira. Isso só aconteceu por conta do trabalho do Marcelo lá.

01:29:28:28 - REGINA VELOSO - PRODUTORA

Com o tempo, o núcleo do Dirceu foi se entendendo de outras formas, sua forma de organização, como que faz sentido estar junto. Deixou de ser coletivo e o quê que a gente é. E daí passamos a ser artistas e produtores independentes que ocupam o galpão do Dirceu.

01:29:49:19 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Ficamos trabalhando nesse galpão e foi um período, assim, muito... Muito fértil, muito interessante, de muito trabalho. Então nós criamos o projeto "Mil Casas", que foi um projeto que surgiu da minha observação de um tempo que eu tava no teatro. Às vezes a gente trazia um espetáculo bom, um espetáculo, às vezes, até de fora, fazia uma super divulgação, tinham dez, quinze, vinte pessoas na plateia. A gente não entendia o teatro tão vazio. Eu senti, comecei a pensar numa possibilidade de entrar nas casas dessas pessoas. Eu queria conhecer esse bairro, eu queria conhecer essas pessoas. Então nós criamos o projeto "Mil Casas".

01:30:31:02 - ALLEXANDRE SANTOS – B-BOY

Onde os artistas do Dirceu visitavam "Mil Casas" do grande Dirceu pra poder apresentar uma peça. Eram dez artistas, cada um tinha uma performance diferente e era super massa ter essa ligação de artista com morador e o morador no espaço do artista era tipo um lugar mesmo realmente de convivência entre artistas e moradores do lugar.

01:30:53:09 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:31:00:23 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

A instalação que a gente fez final é um espaço completamente cheio de casinhas feitas com caixa de papelão, que a gente mesmo foi fazendo e uma mesa com um feijão sendo feito numa panela de pressão porque a gente reconheceu que todo lugar que a gente chegava de manhã tinha o barulho da panela de pressão e aquele cheiro muito particular do feijão.

01:31:23:23 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:31:27:05 – SILVIA SOTER – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA

Eu, por exemplo, fiquei profundamente tocada por essa peça, assim. Eu tenho uma experiência de estar em uma favela do Rio, de trabalhar muitos anos lá e foi das experiências de assistir "Mil Casas" que eu mais identifiquei a vitalidade das favelas e dos espaços populares. E é isso. E tem o olfato, tem o lugar que você entra, tem situações que são Dirceu, mas que são os espaços populares do Brasil, são outros lugares também.

01:31:55:12 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:32:03:18 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Núcleo Dirceu, pra mim, foi um aprendizado enorme.

01:32:07:20 - REGINA VELOSO – PRODUTORA

E esse trabalho todo de formação ali dentro que cada um de nós passamos, foi se amadurecendo de uma forma, essa autonomia foi se desenvolvendo de uma forma que chegou um momento que eu e o Marcelo, a gente achou que ok, a missão ali da gente junto já tava meio que realizada.

01:32:25:26 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

A gente precisava cada um ir pro seu lugar, tanto eu como todos os artistas, e hoje em dia, Teresina, sem modéstia, mudou o perfil da cidade muito a partir de uma ação desses artistas na cidade.

01:32:41:00 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:33:17:24 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

A Vanessa, por exemplo, foi uma pessoa que quando eu comecei a fazer mais coisas aqui, ela começou a aparecer. Ainda como parte do galpão do Dirceu, ela começou a aparecer ali no finalzinho desse processo, e aí quando a gente criou o campo, ela já estava muito conectada, veio e hoje é uma das artistas residentes aqui do campo. Começando a fazer o primeiro trabalho, a primeira criação dela. E que pra mim é muito interessante poder colaborar com o espaço e com a condição dela de criar alguma coisa.

01:33:49:08 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:34:23:16 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Tem que talvez fazer mais longo isso pra que a gente tenha mais ideia, porque eu só consegui ver que tinha essa coisa de passagem aqui. Tu tá partindo de uma imagem ou tá partindo de uma ideia?

01:34:36:12 – VANESSA – ARTISTA RESIDENTE DO CAMPO

Então, eu tô vendo os trabalhos do Arthur. Primeiro partiu só da necessidade de estar só. Depois eu peguei as imagens dele como um pretexto pra um próximo passo.

01:34:53:24 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Mas talvez fosse interessante estudar mais as figuras, o quê que tem de movimento; como é que tu poderia, de alguma maneira, classificar alguns movimentos que tem ali. Por exemplo, pra mim, quando eu penso nas figuras do Duma, tem uma coisa espiralada, tem uma coisa arredondada sempre, tem uma coisa sempre em volume assim. Eu acho que assim, a nível de forma tá super... Tem que conseguir entender mais essa estrutura. E eu acho que se é uma ideia de longa jornada, tu tem que realmente fazer de lá até lá.

01:35:31:15 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu tô aqui no campo. Queria falar um pouco desse espaço aqui em Teresina que depois que a gente desfez o núcleo do Dirceu, cada um foi encontrando o seu lugar.

01:35:45:26 - REGINA VELOSO – PRODUTORA

E a gente resolveu tomar esse outro rumo, do galpão continuar com os outros artistas e da gente pensar em uma outra direção que tivesse um foco maior na Demolition Incorporada. Só faz sentido pra Demolition uma estrutura que tenha um lugar de intercessão com a

comunidade. A gente tem residentes aqui nesse momento, inclusive morando aqui também. São artistas de diferentes linguagens, nesse momento mesmo a gente tá com o Arthur Durmer, a gente tá com o Maurício Pokemon, que tá inclusive renovando, trazendo um novo projeto pra fachada do prédio. Muita coisa tá sendo criada nesse momento, esses artistas locais que estão imersos aqui dentro de uma forma muito autônoma.

01:36:31:20 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Reforma galpão: gesso é fácil roubar.

01:36:39:11 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

2013?

01:36:41:25 – ARTISTA RESIDENTE DO CAMPO

É. Quando a gente tava pensando "curto circuito", o quê que é? Qual o nome?

01:36:44:24 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Programa indisciplinar para criadores contemporâneos. Durmer é o responsável por esses cadernos, já vem a alguns anos fazendo esses cadernos de anotação e de desenho em cima desses encontros todos que se faz por aqui. Eu fico muito curioso também, por exemplo, se a Vanessa está trabalhando através dessas imagens, como é que tudo é que cria essas imagens, vai ser influenciado de certa forma com o que tu vê no trabalho da Vanessa. Como é que tá essa relação de conversar sobre isso, sobre o que seria que condição de corpo é esse. Por que assim, isso aqui pra mim não é só movimento, tem uma condição da figura, do espaço, do volume, como é que a Vanessa vai conseguir a partir disso trabalhar.

01:37:38:18 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:37:46:24 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu sinto que a gente ainda tem aqui no Brasil que entender melhor a possibilidade que a dança contemporânea tem de participar da nossa vida social. Eu ainda sinto que tem todo um trabalho, assim de tirar a dança desse lugar um pouco mais especial ou um pouco mais difícil, ou essa coisa do entretenimento também, as pessoas parecem que querem arte porque a vida é dura. Eu acho que arte tem que existir justamente porque a vida dura.

01:38:23:11 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:38:27:22 – VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:38:42:13 – VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:38:47:26 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:39:09:27 - NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA

A carreira internacional do Marcelo, nova, que ele teve a primeira carreira e agora teve uma outra, começa muito com o Matadouro, assim, fica muito claro pro Matadouro, porque o Matadouro é uma peça que quando você olha ela, parece que não está acontecendo quase nada, não é verdade? Porque é uma peça muito precária no ponto de vista físico, mas de uma forma muito sofisticada e que não tem didatismo nenhum. No Preto, que é a obra seguinte, o Preto de Gente, por exemplo, é uma peça que teve uma carreira, tem ainda, viaja o mundo

inteiro, porque é uma peça que se conecta com uma coisa muito humana, que é a nossa capacidade de nos juntarmos pra fazer alguma coisa, o que acontece quando a massa se junta.

01:39:50:20 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:39:53:24 - NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA

Então eu acho que tem um lugar dessa carreira internacional do Marcelo que tem a ver com a simplicidade do que ele propõe, porque qualquer pessoa de qualquer lugar do mundo que entre naquele ringue do preto de gente, reconhece o que tá acontecendo, é tocado imediatamente pelo que tá acontecendo ali.

01:40:10:00 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:40:23:26 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

“De repente fica tudo Preto de Gente”, que é inspirada no livro do Elias Canetti que chama Massa e Poder. Por que a gente se ajuda, basicamente no primeiro capítulo desse livro, ele fala que a gente... O nosso grande medo é o medo do outro.

01:40:40:23 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:40:55:29 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

São seis corpos nus pintados de preto que cria uma situação quase de buraco negro.

01:41:03:20 – SILVIA SOTER – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA

É um corpo que vira uma massa em alguns momentos, assim, completamente encaixado. E eu tive tanta agonia, tanta aflição como espectadora do Preto de Gente, que teve uma hora que eu tive que sair do lugar, do ringue, assim, eu não aguentei ficar, não aguentei ficar muito menos por eles, muito mais pela reação do público que me atropelava, eu comecei... Eu vi que aquele amalgama ali mobilizava o público e tinha uma reverberação que me colocava em risco, assim.

01:41:33:22 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:41:45:17 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Eu acho que a dança, ela não precisa necessariamente ser vista. A gente enquanto bailarino, a gente também pode desaparecer, fazer o nosso corpo desaparecer para talvez fazer alguma coisa surgir no corpo do outro. Então Preto é uma coreografia pro público.

01:42:02:26 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:42:20:19 - REGINA VELOSO – PRODUTORA

Se tem uma coisa que eu admiro muito nesse trabalho que a gente realiza é o poder de reinvenção dele. Por um lado tem uma dramaturgia na sequência das obras que é super interessante. Você sempre ve um vestígio das obras anteriores na que vem, mas sem ser apenas uma versão do mesmo. São outras questões que estão sendo colocadas. Em termos das obras, não colocando que essa é mais importante do que as outras, mas o Batucada é muito específico no sentido do que ele transforma, porque em cada lugar que ele acontece, ele envolve outras 40 pessoas.

01:42:58:182 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Nós trabalhamos com 14 nacionalidades, com artistas e não artistas. Eu trouxe muitos elementos do processo anterior, do “Preto de Gente”, essa ideia de massa.

01:43:11:17 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:43:16:14 – BRUNO MORENO - ARTISTA

Eu conheci o Marcelo em 2014, quando ele abriu uma oficina, uma... Eu não sabia que era uma audição, mas era o primeiro contato com as pessoas aqui de São Paulo para criar o Batucado, que ele tava interessado em como que é isso, uma multidão de gente, 50 pessoas performando uma manifestação que você não sabe direito se é uma manifestação de carnaval, se é um protesto político ou como essas coisas estão completamente ligadas, na verdade.

01:43:46:07 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:43:52:03 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

De alguma maneira o processo me levou a pensar num arrastão, num arrastão que acontece no Rio de Janeiro. Que eu acho extremamente coreográfico.

01:43:59:08 – BRUNO MORENO - ARTISTA

Então era mais uma imagem pra gente, assim. Como que a gente aciona essa invisibilidade de movimento, como que a gente passa pelo público.

01:44:08:16 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Vamos fazer um arrastão, vamos instalar um arrastão no meio dessa multidão aqui, vamos ter essa precisão de passar por volta das pessoas, "roubando" de alguma maneira a subjetividade do espectador.

01:44:23:27 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:44:53:19 - REGINA VELOSO – PRODUTORA

A Demolition tem sido sempre um trabalho, uma preocupação de como que dialoga com a sociedade, sabe? Seja a sociedade que tá ali do lado da vizinhança, da comunidade ali perto, seja do bairro Dirceu, do bairro São João, de onde tiver, seja a comunidade artística de qualquer lugar do mundo porque a gente sempre teve essa questão dos intercâmbios, nos projetos sempre incluem vindas de profissionais de fora, da gente tá viajando, de tá criando essas perspectivas que colocam o trabalho e a nossa visão de um mundo em outro lugar.

01:45:31:18 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Demolition Incorporada tem sido um espaço de encontrar pessoas, de trocar, de subverter o próprio trabalho. Uma plataforma de criação.

01:45:42:22 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:45:50:29 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Ano passado eu fui convidado pra fazer uma coreografia pra uma companhia, a companhia nacional de dança contemporânea da Noruega. E depois de muito tempo sem conviver assim com essa ideia de companhia, eu voltei a uma companhia estatal, organizada. Foi isso, "The who of things", são corpos, eram bailarinos assim, extremamente virtuosos com uma técnica

extremamente apurada, mas pra mim foi muito interessante voltar a trabalhar com esses corpos disciplinados, tecnicamente impecáveis. Talvez até pra reconhecer que não é só isso que a gente precisa num processo de dança, tem muito mais coisa.

01:46:34:21 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:46:48:23 - REGINA VELOSO – PRODUTORA

A Demolition tem essa característica de pessoas de diferentes partes do mundo, atualmente nesse projeto que é o Dança Doente que a gente acabou de estrear, são interpretes brasileiros da Bahia, Minas Gerais, de São Paulo, um canadense e dois japoneses.

01:47:08:21 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:45:50:29 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

O meu último espetáculo se chama Dança Doente. Surgiu dessa minha curiosidade com o trabalho do Hijikata Tatsumi que é um coreógrafo japonês que morreu em 86 e no finalzinho dos anos 50 começou a criar um tipo de trabalho no Japão, que hoje é conhecido como a dança butô, a dança das trevas. Ele rompeu assim, com a série de tabu das artes do Japão, da maneira como ele lida, por exemplo, com a morte, com ideia de um corpo doente, com a ideia de um corpo que não é um corpo só forte, estabilizado.

01:48:08:09 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:48:25:02 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

O Dança Doente, eu decidi fazer esse processo em residências, comendo junto, dividindo quarto, apartamento.

01:48:34:11 – BRUNO MORENO - ARTISTA

Então foram quase cinco meses de processo, assim. Não teria como ser de outro jeito, acho que ele tá interessado em como essas pessoas convivendo... Como a convivência entre elas e os afetos entre elas podem gerar dança, assim.

01:48:52:14 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:48:58:27 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

Pra mim é uma colaboração. Pra mim, eu não consigo trabalhar com pessoas que eu não tenha uma enorme necessidade de conhecer e de considerar o que essa pessoa é e o que essa pessoa traz. O que me interessa em um bailarino ou em qualquer outro tipo de artista é a sua visão de mundo, é aquilo que você traz, mesmo aquilo que você traz sem saber que tá trazendo ou sem achar que o que tá trazendo é realmente importante.

01:49:28:17 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:49:32:03 - MARCELO EVELIN – COREÓGRAFO E PERFORMER

E eu não acredito que ninguém tenha nada pra ensinar pra ninguém, mas eu acredito em aprender, eu acredito completamente na ideia de que a gente ainda tem muita coisa pra aprender, que a vida pode ser um processo constante de se aprender coisas, de que a dança, pra mim, é um processo de aprender meu lugar no mundo, então O Núcleo do Dirceu foi por dez anos, pra mim, um período muito intenso, muito específico, onde eu aprendi muito sobre

colaboração, sobre estar junto, sobre horizontalidade. Demolition Incorporada tem sido o meu lugar conceitual, físico, afetivo, de fazer o meu trabalho.

01:50:15:26 - BRUNO MORENO - ARTISTA

E o que é muito bonito e trágico ao mesmo tempo, assim, é que a gente sabe que é tudo provisório. Acho que tem uma certeza de que um trabalho assim, como a gente entra no Demolition que a gente não vai trabalhar pra sempre, a gente não vai entrar em um trabalho, a gente não tá entrando em uma companhia, por exemplo. Agora somos nós que estamos aqui fazendo esse trabalho com o Marcelo, só que ele também tá rodeado de outras pessoas fazendo outra coisa, eu tô rodeado de outras pessoas fazendo outras coisas, é isso, é uma existência provisória, sabe?

01:50:48:06 - IMAGENS DEMOLITION INCORPORADA

01:50:59:28 – CRÉDITOS FINAIS